

PSICANÁLISE E PESQUISA SOCIAL DE HERMENÊUTICA PROFUNDA * **

Thomas Leithäuser¹

Resumo

O ponto de partida do artigo é a crítica de Theodor W. Adorno à psicanálise. Nem Freud teria reconhecido bem as complexas mediações entre indivíduo e sociedade, referenciando-se de maneira unilateral demais ao indivíduo, em suas análises de crítica cultural. O campo central de investigação da psicanálise é o inconsciente, conceito que a psicologia e as ciências sociais sempre voltam a discutir, e de modo controverso. Será que existe mesmo um fenômeno como o inconsciente? Será que ele se deixa, afinal, apreender conceitualmente? Quando, como Freud, se consegue conceber como pesquisa científica as muitas milhares de psicanálises já realizadas e que se realizam como terapias individuais, aí o fenômeno do inconsciente existe, para além de qualquer conceituação positivista que o descarte. Adorno, entretanto, acrescenta com razão que, em contraposição à opinião pedagógica dominante da psicanálise, não se trata apenas de um fenômeno individual, e sim, ao mesmo tempo, um fenômeno social geral. Essa concepção crítica do inconsciente foi retomada particularmente em termos metodológicos pelo psicanalista frankfurtiano Alfred Lorenzer. No campo social não clínico, ele desenvolveu a psicanálise da hermenêutica em profundidade como método de investigação para as ciências sociais e culturais. Neste artigo, apresenta-se a hermenêutica em profundidade em sua relação com a psicanálise. A última seção oferece um exemplo de

* Tradução Günther Bachmann

** Revisão técnica Jonatas Ferreira e Silke Weber

¹ Professor Emérito da Bremen University

interpretação hermenêutica em profundidade de processos sociais. A interpretação busca apreender o problema da violência e da solidariedade em gangues juvenis. Trata-se de compreender formas definidas de interação cujas fontes, embora se encontrem na primeira infância, não deixam, simultaneamente, de determinar de modo bem concreto as ações do presente.

Palavras-chave

Psicanálise. Hermenêutica em profundidade. Consciência. O inconsciente. Formas de interação. Sociedade. Indivíduo. Método psicanalítico. Método da hermenêutica em profundidade. Discussão em grupo.

PSYCHOANALYSIS AND SOCIAL RESEARCH OF DEEP HERMENEUTICS

Abstract

The starting point for this paper is the critique of psychoanalysis by Theodor W. Adorno. Not even Freud has understood well the complex mediation between individual and society, having overemphasised the individual in his analyses of cultural critique. The central field of investigation of psychoanalysis is the unconscious, a concept that both psychology and the social sciences go back to discussing, and in a controversial manner. Is there really such a phenomenon as the unconscious? When one is, as was Freud, able to conceive as scientific research the many thousands of psychoanalyses realised in the form of individual therapies, then the unconscious phenomenon exists beyond any positivistic conception that denies it. Adorno, however, correctly adds that, in opposition to psychoanalysis' dominant pedagogical position, this is not just about an individual phenomenon, but also about a general social

phenomenon. Frankfurtian psychoanalyst Alfred Lorenzer recast such critical conception of the unconscious in particularly methodological terms. In the social non-clinical field, he developed the psychoanalysis of deep hermeneutics as a method of investigation for the social and cultural sciences. In this paper we present deep hermeneutics in its relation with psychoanalysis. The final section presents an example of deep hermeneutics of social processes. Interpretation seeks to apprehend issues of violence and solidarity in youth gangs. The aim is to understand particular forms of interaction whose roots, though found in early childhood, simultaneously determine in very concrete ways present actions.

Keywords

Psychoanalysis. Deep hermeneutics. Consciousness. The unconscious. Forms of interaction. Society. Individual. Psychoanalytic method. The method of deep hermeneutics. Group discussions.

I. O inconsciente como problema psicológico do indivíduo

Em sua autodefinição tradicional a Psicanálise é uma disciplina da Psicologia. Além da terapia de base comportamental e de outras tendências terapêuticas, também ela é aceita como parte integrante da Psicologia Clínica. Isto é válido inquestionavelmente para a prática terapêutica psicanalítica; em contraposição, a discussão dos princípios teóricos da Metapsicologia tem sido objeto de controvérsia. Frequentemente, tais discussões realizadas em parte de forma passional, são vistas menos como um sinal de uma ciência se desenvolvendo de

maneira vibrante e criativa do que como sinal de sua natureza polêmica. A razão das controvérsias tem sido sempre o conceito do inconsciente, que, de fato, é um não-conceito. Ora, se o inconsciente pudesse ser definido conceitualmente, não mais seria inconsciente. Portanto é melhor falar-se de um fenômeno do inconsciente, cujo estudo sério pela ciência tem de ser feito por meio de métodos não ortodoxos. Este foi o ponto de partida de Freud, que foi o primeiro a encarar este problema de maneira empírica e terapêutica e desenvolveu o método psicanalítico - o qual tem ligações claras com as ciências humanísticas e princípios hermenêuticos - de certa forma contra sua própria compreensão enquanto médico e cientista. A aparente simplicidade com a qual o psicanalista organiza sua prática, sentado em uma poltrona atrás do paciente, que se encontra deitado em um divã, permite a existência de um emaranhado altamente complexo de relacionamentos entre estes dois, bem como de processamentos e reflexões de uma e de outra parte.

Desta forma, a configuração terapêutica da Psicanálise - o arranjo metódico do divã e da poltrona, que para Freud era sempre uma situação particular de pesquisa - pode ser categoricamente declarada como experimental, possibilitando enquanto tal ao terapeuta e pesquisador aproximarem-se de seu objeto - o paciente que está procurando ajuda - um pouco mais livre de ansiedade. Não quero dizer com isso que tal apoio livre o terapeuta (e pesquisador) de procurar uma atitude tão livre de ansiedade e livre de envolvimento quanto possível. Porém, tal configuração ajuda o terapeuta a tomar uma atitude benevolente e distanciada daquele fenômeno peculiar do inconsciente, que tem substancialmente muito a ver com o distúrbio psíquico e doentio do paciente, para desta forma isolá-lo momentaneamente e torná-lo acessível ao conhecimento curador.

Como em um caso único, de um paciente individual, isolado, o inconsciente é trazido à tona e se faz acessível ao caminho do conhecimento. Será que isto significa que, fenomenicamente, o inconsciente diz respeito apenas ao indivíduo, é essencialmente algo individual, pertencendo a cada indivíduo de modo próprio? Se o inconsciente, como Freud o caracteriza, não se deixa capturar do ponto de vista do espaço e do tempo e nem também em definições conceituais e categóricas, como se pode fazer a suposição metodológica, de que ele só se deixe definir como algo especificamente individual? Onde, não se pode definir, não se deve definir. Temos que nos abster primeiramente do nosso desejo de definição, munir-nos de calma e suportar um pouco a não conceituação do inconsciente. Isto vale tanto para o terapeuta como para o teórico, que, através de suas reflexões metapsicológicas, também tenta lidar conceitualmente com o inconsciente. Afinal se ele [*o inconsciente*] se mostra, ou se, supõe-se tê-lo capturado, então este fenômeno paradoxal já não é mais inconsciente. O processo de conscientização contém um elemento essencial da cura prática e da tranquilização teórica.

Só não se pode querer precipitadamente, fazer o inconsciente perturbador da paz, desaparecer do pensamento ordenado. Conscientização do inconsciente significa acessá-lo com astúcia - a astúcia processadora da razão. Tal abordagem é recomendada não só ao prático como também ao teórico e especialmente ao empirista, que une em si o prático e o teórico. A interpretação dos sonhos de Freud é um prova desta astúcia processadora.

II. O conteúdo social do inconsciente

No semestre de verão de 1968, Theodor W. Adorno tematizou em sua aula "Introdução a Sociologia" a problemática da concepção do

inconsciente como algo exclusivamente individual. Ele identificou na abordagem freudiana um "motivo dialético", que não havia sido visto como tal na discussão psicanalítica e que talvez Adorno, o teórico social perspicaz e ao mesmo tempo sensível, que não se submeteu à Psicanálise e não teve de se afligir com a prática psicanalítica, pôde reconhecer de forma simples: verificou-se "que, mesmo na camada mais profunda do indivíduo, na camada mais profunda da individuação, ou seja, a qual na realidade não é atingida de modo algum pela dinâmica individual do instinto, são o social e o coletivo que se impõem. Aqui, se vê, se posso me permitir a divagação, em uma doutrina concebida inteiramente de forma positivista, como foi o caso da Psicanálise freudiana, surpreendentemente um motivo dialético, embora ele com certeza, caso ouvisse tal afirmação, teria se horrorizado da mesma forma que qualquer sociólogo positivista dos dias de hoje. O motivo dialético é que Freud, de modo genuíno, simplesmente através do processamento do seu próprio material, descobriu que, quanto mais se imergisse no fenômeno da individuação do ser humano, quanto mais se compreendesse sem restrições o seu íntimo e dinâmica, tanto mais próximo se chegaria daquilo que dentro do indivíduo não é individual. Assim, a minha reivindicação, é que exatamente através da imersão nas categorias específicas de cada ciência, e não de fora para dentro, nos tornemos cientes dentro destas próprias categorias do seu conteúdo social; o tratamento freudiano do indivíduo é um forte exemplo a favor desta reivindicação". (ADORNO, 1995, 191f)

O que é que no indivíduo não é individual, ou melhor, o que não é só individual e que, contudo, vem à tona de certa forma contra a intenção metodicamente direcionada do terapeuta e pesquisador Freud e da maioria de seus sucessores - hoje se diria como efeito colateral involuntário? Adorno fala do conteúdo social, do qual nos tornamos cientes nas categorias psicanalíticas, o qual não se impõe aos indivíduos apenas a

partir do momento em que estes se relacionam e se portam uns com os outros, como algo exterior, ou seja, como contexto social. Este “conteúdo social”, pelo contrário, é algo completamente interno, desenvolvido através da socialização, uma parte difícil de explorar de si mesmo, que ainda terá de ser descoberta através da Psicanálise e da pesquisa social, e que, por não ser facilmente acessível à observação externa, terá de ser primeiramente aberta, indicada e interpretada. Este conteúdo social, internalizado em estruturas e padrões psíquicos dos indivíduos, e que constituem essencialmente o que há de mais individual nos indivíduos, necessita ser explorado de forma sistemática psicanalítica e sociológica. Então se mostra de que maneira indivíduos e sociedade estão relacionados mutuamente e quais chances de desenvolvimento a sociedade tem e quais chances de individuação os indivíduos têm respectivamente no modo histórico de produção em questão (Feudalismo, Capitalismo, Socialismo, etc.). Aqui se pode chegar a conclusões perturbadoras, às quais não desejamos nos submeter de boa vontade, mesmo tendo sido estas elaboradas de forma tão científica e sistemática, como por exemplo, nos casos de esclarecimento [*Aufklärung*] ou repressão [*Verdrängung*]. As Ciências Sociais e a Psicanálise se decidiram por ambos: esclarecimento e repressão. Através da divisão científica do trabalho e da especialização profissional, o "conteúdo social", podado, é dividido e distribuído entre as Ciências Sociais, para que desta forma ele possa ser transmitido de forma controlada e aos poucos, e sem se permitir que os seus lados ameaçadores e inquietantes venham à tona.

Klaus Heinrich demonstrou nas suas *Aulas de Dahlem*, como o desenvolvimento de categorias e classificações na Filosofia, necessariamente desliga, desvanece e marginaliza uma parte do conhecimento, enquanto ele se deixe reprimir. Georges Devereux pôde mostrar de forma plausível em sua investigação *Medo e Método nas*

Ciências Comportamentais [*Angst und Methode in den Verhaltenswissenschaften*], como, através de estruturas hábeis e metodológicas e do uso estratégico de métodos de pesquisa, podemos nos distanciar tanto do objeto de pesquisa. Acreditamos, desta forma, a partir de um ponto de vista seguro, sem perigo e sem medo, poderemos nos apoderar teórica, empírica e de forma prática do objeto de estudo. Os grandes estudos empíricos realizados no contexto do desenvolvimento da Teoria Crítica pelo Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt [*Frankfurter Instituts für Sozialforschung*] - *Trabalhadores e Empregados às vésperas do Nacional-socialismo* [*Arbeiter und Angestellte am Vorabend des Nationalsozialismus*], *Autoridade e Família* [*Autorität und Familie*], *"A Personalidade Autoritária"* [*The Authoritarian Personality*], e *"O experimento em Grupo"* [*as Gruppenexperiment*] - recusaram-se a acompanhar a tendência a se colocar em uma situação de despreocupação mediante a divisão de trabalho científico e da especialização. Estes estudos permanecem desta forma de grande relevância metodológica e metódica para elaboração crítica de conteúdos sociais.

Do lado psicanalítico, foram especialmente os Etno-psicanalistas suíços Fritz Morgenthaler, Paul Parin e Goldi Parin-Mathey que perceberam a sedimentação de processos sociais em estruturas psíquicas e que tentaram explicá-los através de conceitos como a consciência de clã [*Clangewissens*], eu-de-grupo [*Gruppen-Ichs*], e identificação com ideologia de papéis [*Identifikation mit der Rollenideologie*] (PARIN, 1987).

Uma importante contribuição nesta discussão é a tentativa de Georges Devereux de distinguir entre um inconsciente idiossincrático e um inconsciente étnico. (DEVEREUX, 1978) Já se distinguia nos grandes modelos topológicos de Freud (consciente e inconsciente; superego, ego e id) uma cota do social.

Alfred Lorenzer foi certamente quem questionou mais profundamente a orientação psicológica individual da Psicanálise e tentou descrever a sociabilidade da socialização individual em novas categorias. Ele reformula então a Psicologia de Desenvolvimento psicanalítica, a qual ainda se orienta nas fases correntes da oralidade, analidade e genitalidade, amplamente de forma teórica interacional. O motor do desenvolvimento psíquico não mais seriam somente os impulsos endógenos evolutivos, mas sim a dinâmica de conflito da díade mãe-filho, a qual leva sempre a novos acordos (entre os quais pertence também o acordo na divergência), a novas “formas interativas” como define Lorenzer. No papel de mãe combinam-se os elementos individuais idiossincráticos da personalidade da mãe com os requisitos sociais para tal papel. A mãe é ao mesmo tempo indivíduo e agente social. O quão mais convincente ela conseguir integrar em si estes dois elementos, sempre conflitantes, e ao mesmo tempo deixá-los abertos à reflexão e torná-los aptos à consciência, tão mais autenticamente ela poderá tomar parte no processo de socialização organizado de forma diádica. A teoria de socialização de Lorenzer também faz as maiores exigências perante a mãe para que a socialização da criança consiga ter um sucesso razoável. Se deve enfatizar, que Lorenzer no que diz respeito à concepção teórica do papel de mãe, não pensava basicamente só na mãe biológica; a mãe não precisava nem mesmo ser uma mulher; os seus deveres podiam ser assumidos amplamente por um homem. Observações mais recentes a respeito da difusão de papéis de mãe e pai na família nuclear confirmam este ponto de vista (DOMES, 1995).

Mas seja lá quem for que assuma o papel de mãe, a socialização no contexto díade da mãe-criança normalmente só terá sucesso se a cota idiossincrática da pessoa que assumir tal papel for maior que a cota dos requisitos sociais. A incorporação emocional demasiada por parte de uma

mãe de seu papel como agente da sociedade geralmente causa distúrbios de desenvolvimento na criança. Esta reconstrução de Lorenzer da relação mãe-filho tem suas consequências na análise dos distúrbios de desenvolvimento no processo psicanalítico da terapia, já que nela, dentro do processo de transferência-contratransferência entre paciente e terapeuta, estes distúrbios infantis de relacionamento primeiramente se repetem, repetição esta, que como tal tem de ser desmascarada, diferenciada, analisada e de ser feita reconhecível perante terapeuta e paciente. Caso o psicanalista, seja por motivos pessoais ou metodológicos, não consiga participar de um investimento idiossincrático requerido a ele, o processo terapêutico torna-se difícil, pois uma frieza emocional, a qual pode ter determinado a relação mãe-filho, se repete na maioria das vezes sem ser reconhecida durante a terapia e desta forma uma parte essencial do trabalho analítico deixa de ser realizado. Psicanalistas como meros usuários de métodos não são tão raros como se desejaria esperar. A recomendação de Erich Fromm, de que já que não se pode escolher os pais, se deveria poder escolher ao menos o analista, tem desta forma um grande significado.

Mas existe mais um problema metodológico relativo à Psicanálise, o qual ela tem de trabalhar com muito afã para que também não interfira no processo terapêutico. Ele é o modo de proceder mecanicamente na Psicanálise, observado com frequência, e que Theodor W. Adorno já havia criticado em Freud em *Mínima Moral* (1951) e em suas *Aulas de Introdução à Sociologia* (1968). Em suas observações meticulosamente aguçadas Adorno sustenta: “O vazio e mecânico, observado com frequência em analisados com sucesso, não é consequência de sua doença, mas sim de sua cura, que quebra o que liberta”. (ADORNO, 1951, 105)

Em algumas páginas adiante ele critica com toda severidade o convencionalismo da Psicanálise, com a qual nos deparamos hoje mais

que nunca: “O reino da reificação e padronização é estendida à sua extrema contradição, o suposto anormal e caótico. O incomensurável é transformado assim em comensurável, e o indivíduo, já não é capaz de nenhuma emoção que não possa ser dada como exemplo desta ou daquela constelação publicamente reconhecida. Tal identificação adotada de cor e de certa forma além da própria dinâmica, no entanto, anula, junto com a genuína consciência da emoção, a própria emoção. Ela se torna um reflexo que se pode ligar e desligar de átomos estereotipados a estímulos estereotipados. Além disso, o convencionalismo da Psicanálise causa a própria castração: os motivos sexuais, em parte negados em parte reconhecidos se tornam completamente inofensivos, mas são também completamente anulados. Com o temor por eles causado, desaparece também o prazer que eles poderiam proporcionar. Desta forma a Psicanálise se torna vítima precisamente da substituição do superego adequado, pela aceitação aferrada de um exterior sem relacionamento, o qual ela mesma ensinou a compreender. O último grande teorema da autocrítica burguesa se tornou um meio para, de modo absoluto, definir a autoalienação burguesa em sua última fase, e ainda para frustrar a ideia da velha ferida, de acordo com a qual, a esperança de algo melhor estivesse no futuro” (Ibid. pg. 112).

Este trecho minucioso da *Minima Moralia* mostra o quão amplamente a socialização avança na estrutura psíquica dos indivíduos, como conteúdo social do inconsciente, danificando a vida em suas inervações psíquicas mais profundas. Esses danos são inacessíveis às reflexões cotidianas, aos pensamentos que o ser humano tem sobre si e sobre a vida, às suas experiências consigo mesmo e com os outros.

O acesso totalitário da socialização apagou tão integralmente os limites entre dentro e fora, que eles mal podem ser vivenciados. As emoções mais íntimas, as mais profundas particularidades se tornam

públicas e desta forma comparáveis; elas perdem sua capacidade de resistência contra a pressão social: os motivos sexuais se tornam inofensivos e nulos. O convencionalismo da 'Psicanálise vai um passo além (só a Psicanálise convencionalista?). Ele duplica a renegação e a repressão de emoções instintivas ao invés de recuperar uma consciência sensível e genuína destas emoções e fazê-las perceptíveis como ainda não integradas. Por vezes este processo é "o vazio e mecânico, observado com frequência em analisados com sucesso". Uma técnica de adaptação e afirmação surgiu a partir do sensível método de autocrítica burguesa. Ela não consegue penetrar o conteúdo social de sua experiência, da reificação e padronização e nem mesmo das mais íntimas emoções idiossincráticas. Pelo contrário, ela sobrecarrega os indivíduos mais uma vez, por todos os danos sociais que lhe foram causados, e bloqueia-lhe conhecimento e reconhecimento, que deveriam ser resultado do processo prático de terapia. O inconsciente se torna, não só algo isolado, mas também algo individualmente dissociado em parte transparente e experimentável. O que resta de autocrítica burguesa é transferido para o sensível e crítico filósofo social, para a experiência do perito treinado e instruído, cujas descobertas críticas e reflexões da vida danificada, condensam-se em Teoria Crítica, a qual por sua vez como opinião de perito não possibilita a experiência geral dos danos. Contudo ela conserva a reflexão sobre a vida. Os danos permanecem visíveis e a esperança persiste, com certeza fraca, de algo melhor.

Adorno concede um alto valor ao pensamento dos especialistas da Teoria Crítica, pois precisamente através de sua crítica radical, através da decidida negação da ordem existente, ele explora sempre mais uma vez as chances de mudança social, as chances de uma convivência melhor, mais satisfatória e humana. A Teoria Crítica ultrapassa a Psicanálise: " A Psicologia intencionalmente individualista de Freud [e não só a

Psicanálise convencionalista, Th.L.] não só vai além do individual, mas também – por assim dizer, apesar de sua abordagem extremamente concreta – vai tornando-se cada vez mais abstrata na análise de observações individuais. Isto, no entanto, depende bastante de algo que precisamente sob o ponto de vista sociológico deve ser bastante criticado, ou seja, o fato de Freud ter tendido de forma geral a subestimar bastante a possibilidade da individuação, justamente por causa da suposta invariância e constância do Id, idêntico em todos os seres humanos, e que justamente essa teoria, por ter-se defrontado no indivíduo com a sua "herança arcaica", que de fato neste ponto é apoiada da pré-história até os dias de hoje -, tende a encarar os próprios seres humanos como sendo em sua grande maioria imutável, e, portanto finalmente também vê as relações de repressão social como indispensáveis, mais precisamente como sendo a única possibilidade socialmente aceitável de solucionar o complexo de Édipo". (ADORNO, 192f)

Por um lado, o processo psicanalítico concreto encontra na análise do paciente algo que vai além do individual do paciente. No entanto, Freud ignora seu momento social e atrela os momentos que extrapolam o individual à antropologia biológica dos seres humanos diminuindo desta forma, pelo menos teoricamente, a sua importância de crítica social. Por outro lado, não é inconcebível, que tal teorização bioantropológica interfira restritivamente no processo terapêutico e afete de forma adversa a cura da neurose do paciente, que é uma mudança do ser humano. A socialização progressiva do ser humano permanece incompreendida pela Psicanálise. Empalha-se teórica e praticamente o conteúdo social do inconsciente, obstruindo-se desta forma o acesso a este através da Psicanálise. A contribuição crítica da Psicanálise permanece indeterminada para a humanização da natureza humana, cuja naturalidade original, se é que se pode de alguma forma falar de tal, é atingida

decisivamente pelo processo de socialização dos seres humanos, o qual se seguirmos Adorno, danifica a vida em suas inervações psíquicas mais profundas.

O conteúdo social do inconsciente, que Freud pelo menos teoricamente tentou manter inconsciente, se torna a questão fundamental para Alfred Lorenzer em sua tentativa de reformulação teórico-interativa, de processos psicanalíticos basais, e de transformar a Psicologia de Desenvolvimento psicanalítica numa teoria de socialização. A empatia psicanalítica, o compreender e interpretar se tornam uma compreensão cênica no processo de socialização de cenas feitas inconscientemente, formadas já desde as primeiras interações entre mãe e criança, já mesmo na fase pré-natal, e que podem bloquear ou pelo menos limitar o desenvolvimento psíquico. As interações entre mãe e criança se repetem em cenas, que se solidificam deste modo como formas interativas, cristalizando-se como estrutura, que determina o decurso das cenas que se repetem variadamente. Forma de interação é um conceito fundamental da psicanálise de Lorenzer: as formas de interação se estruturam ao longo do desenvolvimento psíquico no âmbito da relação diádica entre mãe e criança. Elas podem ser rescindidas, modificadas e desfeitas, desde que não tenham sido fixadas através de distúrbios de relacionamento, se tornando desta forma resistente à mudança.

Nestas categorias de estruturas descritas em primeiro lugar formalmente, formas de interação e cenas, nas quais formas de interações aparecem em relações concretas, concentra-se o enxoval natural do ser humano, os impulsos emotivos, desejos, necessidades, agressões, frustrações, inibições e medos, como uma primeira expressão social, que remontam às interações pré-natais entre mãe e criança. Nos primeiros estágios de desenvolvimento trata-se de formas de interação pré-linguísticas, que se formam nos jogos de ação e movimento da díade mãe-

criança e que com a introdução da linguagem se ligam à gramática de jogos de linguagem, para usar aqui o termo que Lorenzer pegou emprestado de Wittgenstein, o qual enquadra linguagem e ação numa lógica de relacionamento, cujos limites são dados pelos respectivos jogos linguísticos.

A complexidade da língua como um todo é formada de acordo com Wittgenstein de uma grande diversidade e ampla variedade de jogos linguísticos, que embora não se deixem integrar em unidades maiores, podem ser traduzidos um pelo outro. Portanto, o desenvolvimento psíquico realiza-se como socialização dos impulsos emotivos através da formação de interações em jogos de movimento, de ação e de linguagem, uma moldagem na qual desde o início são envolvidas as exigências sociais, regras, normas e a possibilidade de realização de chances de desenvolvimento, as quais se concentram inseparavelmente com o equipamento natural do ser humano na forma de sua "segunda" natureza interior. Com Lorenzer encontramos um meio de esclarecer a constituição "do conteúdo social" do inconsciente.

III. Hermenêutica profunda e o método de discussão em grupo centrada no tema.

Os fenômenos do inconsciente não se deixam simplesmente reduzir ao indivíduo, ao idiossincrático individual. Isto seria mais uma tentativa de tornar inconsciente o conteúdo social do inconsciente. Por outro lado - e como Adorno insistiu em seu ensaio "Quanto à Relação entre a Sociologia e a Psicologia" (ADORNO, 1972, 42-92) -, não se pode nivelar a sociedade e o indivíduo. A divisão científica do trabalho entre a Sociologia e a Psicologia não tem apenas o seu lado problemático, mas sim também a sua razão de ser, pois através dela a reflexão sobre aquela

diferença entre indivíduo e a sociedade, fica institucionalmente mais fácil, do que seria possível no caso de uma ciência social unificada. O indivíduo é, como o curso histórico e a gênese psicológica nos ensina, surgiu, e até por isto não é teoricamente tão facilmente nivelável. Por outro lado, não se deve ignorar atualmente os processos de padronização compulsiva, através de socializações, que ainda usurpa o inconsciente e se sedimenta como conteúdo social do inconsciente, e isso deve ser feito acessível ao reconhecimento crítico.

Adorno diagnosticou com toda severidade a apropriação violenta do indivíduo no processo de socialização prático: “Indivíduo e sociedade se tornam um, ao mesmo tempo em que a sociedade invade o indivíduo abaixo de sua individuação e a impede. Mas que de fato esta unidade não é uma formação superior dos sujeitos, mas sim lhes devolve a um estágio arcaico, mostra a repressão arcaica que se exerce neste processo. A identidade que se cristaliza não é a reconciliação do geral com o especial, mas sim do geral como absoluto, na qual o especial desaparece. Os indivíduos tornam-se semelhantes a padrões biológicos de comportamento cegamente planejados, tornam-se algo semelhante aos personagens dos romances e peças de Beckett. O teatro absurdo é supostamente realista” (Ibid. pág. 90f.).

O individual é ajustável tanto de forma progressiva quanto regressiva. Lorenzer evidencia uma dialética destes momentos progressivos e regressivos do desenvolvimento individual numa comparação crítica da psicanálise com a filosofia da utopia de Bloch, como uma controvérsia entre Freud e Bloch, uma controvérsia entre os dois que nunca foi conduzida. (LORENZER, 1984) Atualmente, se discute mais no âmbito de teorias de identidade e de reconhecimento as tendências progressivas de uma possível individualização no contexto de chances para uma identidade rica e para uma boa vida. O filósofo

canadense Charles Taylor, que investigou o desenvolvimento dialógico da identidade como um genuíno processo social, critica as abordagens de Adorno e Freud como ainda limitadas de forma monológica.²

A questão do conteúdo social do inconsciente é uma questão de pesquisa, e não pode ser igualada diretamente às questões de uma terapia psicanalítica. Afinal isso significaria sobrecarregar uma terapia, que se ocupa essencialmente com o trabalho terapêutico de problemas idiossincráticos individuais, com uma questão geral de pesquisa. Isso se revelaria rapidamente como uma intervenção não defensível de sobrecarga da terapia. A Psicanálise desenvolveu então com razão a sua própria terminologia clínica expandindo-a para uma Metapsicologia independente, na qual o que caracterizamos como conteúdo social do inconsciente é amplamente entendido como fenômeno clínico e é interpretado com conceitos clínicos.

²Taylor vê a Psicanálise identificada com o conceito cartesiano da razão desengajada. Recorrendo a filosofia de Schopenhauer ele explica suas objeções a Freud: "é de conhecimento geral que Schopenhauer antecipou a teoria freudiana da determinação inconsciente de nossos pensamentos e emoções. Mais importante, a "vontade" de Schopenhauer é um predecessor do "ES" de Freud. Mas invés de tomar uma atitude comprometida e tentar estabelecer uma relação, Freud se decide pela postura cartesiana. A meta era chegar a uma razão desprendida do mundo interior, a partir da objetivação e por consequência nos libertar de suas obsessões, sustos e coações. O empreendimento freudiano foi, tendo em vista a profundidade, uma grandiosa tentativa de tentar recuperar a decência do sujeito desengajado, a nossa liberdade e o nosso autodomínio... não existe a menor dúvida que a teoria freudiana... como autointerpretação é muito convincente. E se, apesar de todos os seus apetrechos científicos, não parece ser mais convincente do que outras, ela também não parece ser menos convincente. A vida daqueles, que se tornaram capazes de absorver esta teoria, tomou uma forma que os permitiu atingir uma devida distância um autodomínio, perante as obsessões internas, as angústias e os empenhos do mundo de Schopenhauer." Charles Taylor: Fontes do Eu (Quellen des Selbst), Frankfurt/M. 1996, pg. 774. "Distância" e "autodomínio" perante o próprio mundo interno lembram "Vazio" e "Mecanizado" em pessoas analisadas com sucesso, os quais Adorno menciona em sua obra *Mínima Moralía*. A teoria psicanalítica de interação de Lorenzer antecipa de certa forma o conceito de Taylor da constituição do eu moderno. Os processos socializatórios de acordo com as formas de interação podem perfeitamente ser interpretados como uma teria de diálogo de identidade.

Por outro lado, os assim chamados aspectos normais e os aspectos sociais patológicos são mais ignorados na psicanálise do que conceitualmente diferenciados. Somente através de análises sócio-psicológicas secundárias de processos terapêuticos, como imaginados por Marie Jahoda, uma das fundadoras da Psicologia Social empírica e através de questionamentos qualitativos (entrevistas) de terapeutas psicanalíticos é que se deduz o aspecto geral, não individual do conteúdo social do inconsciente. Em seu importante estudo metodológico (JAHODA, 1985) ela mostra, que uma análise comparativa do decurso de terapias de longo prazo, alcança um grau de conhecimento maior do que uma experiência sócio-psicológica controlada e realizada com exatidão metódica pode alcançar. Além disso, conhecimentos do conteúdo social do inconsciente se tornam perceptíveis, o qual a princípio não é atingido no cenário metódico de uma experiência sócio-psicológica e por isto é rejeitado com uma arrogância precipitada como sendo uma afirmação absurda. Quanto mais se pesquisa guiado metodicamente de forma científica sobre a mediação social do inconsciente, o quanto menos se pode imputar os limites deste ato social ao indivíduo sozinho, seja lá como for que ele tenha sido socializado até chegar ao individual do indivíduo, conhecendo-se ou não as intenções. Isso seria como Freud diria uma “combinação errônea”. Tal aconteceria obrigatoriamente, se o conteúdo social se tornasse objeto do trabalho terapêutico e não a sua assimilação idiossincrática. Isto colocaria o possível sucesso da terapia em grave perigo. Por outro lado, não se pode simplesmente incluir o aspecto social do inconsciente sob termos clínicos, que são obtidos no processo terapêutico de tratamento dos distúrbios neuróticos idiossincráticos, um erro que mesmo os psicanalistas mais treinados e qualificados frequentemente cometem. Isso requer muito mais, métodos independentes, da área clínica da psicanálise de compreensão e empatia, a fim de se poder

analisar a normalidade do conteúdo social do inconsciente. Alfred Lorenzer desenvolveu para isto um procedimento de hermenêutica profunda da análise de cultura (KÖNIG, 1986), e eu conjuntamente com Birgit Volmerg continuei a desenvolver o experimento de grupo (POLLOCK, 1956, 275) sobre o método da discussão em grupo centrada no tema e incluí no processo sugestões teóricas e metodológicas da Hermenêutica profunda de Lorenzer.

O conceito da Hermenêutica profunda contém uma problemática que tem de ser esclarecida. Ele pressupõe uma profundidade, a partir da qual algo encoberto e não definido deverá ser trabalhado hermeneuticamente, para que seja acessível à compreensão sistemática, ao conhecimento científico. Freud tentou fazer a metáfora da profundidade compreensível, uma comparação espacial frequente e desgastada, através da analogia à arqueologia, a qual seria útil à “construção” no trabalho psicanalítico. (FREUD, 1975) Tais alusões metafóricas à linguagem cotidiana são inteiramente úteis para o processo geral da Hermenêutica, mas requerem sua explicação para que sejam úteis para a formação conceitual: na Hermenêutica profunda de Lorenzer trata-se da elaboração de problemas e conflitos prematuros não solucionados da díade mãe-criança. O método da discussão em grupo centrada no tema refere-se também a padrões típicos de relacionamento, problemas e conflitos, aos quais se juntam um componente cultural e social determinante, capaz de influenciar o contexto. A perspectiva de estudo, entretanto, não se direciona tanto na reconstrução desses modelos na história de socialização de indivíduos e grupos. Tais padrões de relacionamento da fase psíquica de desenvolvimento da díade mãe-criança podem de fato ser refletidos na discussão em grupo, pois, como a Psicanálise mostra, também adultos nunca conseguem se libertar completamente desta relação íntima. Um estudo sistemático e superação dos padrões de comportamento da díade,

quando muito só se pode ter sucesso numa terapia psicanalítica. A perspectiva de análise da discussão em grupo centrada no tema, foca por isto, na análise do trabalho atual de tais padrões típicos, seus variáveis aspectos em diferentes grupos sociais, instituições e organizações. (LEITHÄUSER, 1977)

O objetivo é evidenciar hermeneuticamente para análise como tais padrões aparecem numa discussão de grupo sobre um tema específico, como se atualizam e expressam-se concretamente através da fala, do comportamento, do empenho ou desligamento, nas emoções dos participantes da discussão e seus padrões de comportamento. Na análise desses fenômenos tentamos diferenciar entre aspectos sociais, institucionais, organizacionais, culturais e individuais. A discussão em grupo é um jogo de linguagem, para mais uma vez se recorrer a este conceito de Wittgenstein, o qual pode aprender-se a decifrar e entender hermeneuticamente, quando suas regras são obedecidas durante a discussão e em seguida reconstruídas durante o processo de avaliação. Trata-se, deste modo, da análise dos jogos de linguagem atuais na discussão em grupo.

O que significa entender uma discussão em grupo, seguindo as regras de seu jogo de linguagem? Como Wittgenstein, vemos o jogo de linguagem não só como um contexto de regras, a gramática de um texto falado ou escrito. No jogo de linguagem, a fala e as ações formam uma unidade; é ao mesmo tempo um modo de vida. Não apenas palavras são colocadas através de um jogo de linguagem em contexto coerente manifesto e ao mesmo tempo latente, mas, igualmente, as ações, atitudes, posturas das pessoas envolvidas nele. A gramática de um jogo de linguagem é ao mesmo tempo uma gramática de relações sócio-psicológicas. Para se compreender estas relações, devem-se seguir as

regras de sua gramática como os caminhos e trilhas sinuosas de caminhadas pela floresta ou pelas montanhas.

Abaixo eu gostaria de explicar rapidamente a abordagem metodológica no processo da discussão em grupo centrada em um tema. Nós diferenciamos em primeiro lugar um campo hermenêutico (jogo de linguagem) do levantamento empírico e o campo hermenêutico (jogo de linguagem) da avaliação empírica. O arranjo metódico do levantamento é extremamente simples. Ele é formado por um grupo de até doze participantes, os quais frequentemente se conhecem de outros contextos e que aceitaram nosso convite para a discussão. A equipe de pesquisa nomeia um coordenador de discussão e um observador participante. Participamos o mais autenticamente possível da discussão, não nos contivemos excessivamente, mas também não tentamos dominar a conversa. Essa prática tem a vantagem, que as fantasias e ideias, que os participantes da discussão têm a respeito da coordenação da discussão ficam bastante limitadas e se estabelece um clima de confiança para a discussão. A coordenação da discussão tem o dever de manter a discussão animada e garantir a participação ativa se possível de todos os participantes. O observador participante foca a sua atenção no decurso da discussão e na dinâmica de grupo. Enquanto o coordenador da discussão interfere mais fortemente na mesma, o observador participante mantém mais distância. Caso o coordenador da discussão se envolva demais na dinâmica de grupo do grupo de discussão, uma troca de funções torna-se necessária. O observador participante interfere e assume a direção da discussão e o coordenador de discussão se retrai para a posição do observador participante. Esta troca de funções pode repetir-se várias vezes durante uma discussão em grupo. Ele deve se encaixar o mais discretamente possível no decurso natural da discussão e não causar

perturbações. Isto requer da equipe de coordenação muita atenção e disciplina: competição entre si deve ser evitada.

No início da discussão, o tema da discussão é introduzida pelo coordenador de discussão com uma pergunta simples e geral como, por exemplo: “o quanto vivemos seguros?” ou “o que significa trabalho para mim?” ou “o quanto me sinto ameaçado no meu bairro?” etc. Tal questão é brevemente explicada para a discussão; o coordenador de discussão pode apoiar para melhor colocação do problema relatar uma experiência, fazer a leitura de uma carta, mostrar um filme etc.

A discussão em grupo leva cerca de uma hora e meia a duas horas. A discussão é gravada com gravador e nos dias seguintes ela é transcrita. A transcrição é então o texto que o grupo de avaliação receberá para interpretação no campo hermenêutico de avaliação.

O grupo de avaliação é formado pela equipe de pesquisa, que geralmente tem cinco membros e que primeiro determina um intérprete principal responsável pelo texto do grupo de discussão. Este organiza o trabalho de interpretação e é responsável pela versão final da interpretação do texto. Todos os membros leem independentemente uns dos outros o texto da transcrição e esboçam cada um por si, uma interpretação muito preliminar, a qual em seguida apresentam ao grupo de interpretação para discussão. Este relatório e a interpretação preliminar duram geralmente uma hora, durante a qual o intérprete responsável não deve interferir, o que exige um grande desempenho em termos de autodisciplina. Só depois que todos tiverem feito suas sugestões para interpretação e tiverem discutido uns com os outros é que o intérprete principal responsável tem a palavra, para apresentar sua interpretação preliminar e fazer referências à discussão anterior.

Em todas essas discussões no grupo de avaliação uma regra básica tem de ser observada: o mandamento da explicação. Ao contrário da

comunicação cotidiana e da discussão em grupo no grupo de pesquisa, onde se pressupõe que o dito é entendido da mesma forma que intencionado, e por isto não se gasta muito tempo para explicar o sentido do que foi dito, no grupo de avaliação tais naturalidades do cotidiano são questionadas. O significado do que se falou, tem sempre de ser o mais minuciosamente explicado. Todos os participantes do grupo de avaliação participam da explicação. Deste modo, se tenta trabalhar toda a complexidade contida nas naturalidades da fala cotidiana. Com a interpretação surge um texto, no qual as regras dos jogos de linguagem cotidianos, as formas de interação e relacionamento, os motivos ocultos na linguagem cotidiana se tornam claros, plausíveis, sensatos e compreensíveis. (LEITHÄUSER, 1979)

Tal interpretação de texto é apresentada numa reunião final do grupo de avaliação pelo intérprete principal para que sua plausibilidade e segurança sejam mais uma vez verificadas. Contudo basicamente uma interpretação nunca termina. Cada leitor pode desenvolver variações novas e suplementares da interpretação. O processo de interpretação finita se transforma tendencialmente num de interpretação infinita. Nisto fica documentado a vida da hermenêutica.

Theodor W. Adorno apresentou já no experimento em grupo do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt uma interpretação de um grupo de discussão, na qual os requisitos interpretativos de explicação de textos eram cumpridos. Embora não venha de um grupo de especialistas, mesmo assim representa uma reflexão metodológica com relação sistemática a questões filosóficas e de conhecimento teórico. Oskar Negt mencionou este problema metodológico fundamental em seu ensaio “Nascido da necessidade da compreensão filosófica”, da seguinte forma:

"A reflexão metodológica contém um impulso filosófico. Somente através da autorreflexão desenvolvem-se critérios, como o objeto sociológico único constituído pela sociedade melhor pode ser reconhecido. Métodos não dependem do ideal metodológico, mas sim do objeto. Pois fatos, o dado, o fato sociológico, seja lá como se reescreva o material de conhecimento social, não é em última instância, simplesmente algo direto, mas sim processos sociais, realizados por sujeitos em ação mediados através de trabalho; reflexão do método é sempre ao mesmo tempo direcionado ao objeto do conhecimento. Não se pode formar a partir de um modelo pré-concebido, de um esboço vindo de cima, mas sim no ato em execução, o qual ganha sua força principalmente da antecipação do contexto"(NEGT, 2001, p. 29).

Com base em tal autorreflexão metodológica, foram realizadas há algum tempo no Instituto de Psicologia e Pesquisa Social da Universidade de Bremen a discussão em grupo centrada nos temas de investigação "Extremismo de direita, tema para funcionários?" (VOLMERG, 1977) e "Segurança pública. Experiências cotidianas no bairro" (LEITHÄUSER; EXNER; HAACK-WEGNER; SCHORN; VON DER VRING, 1999).

Na seção seguinte eu darei um exemplo de uma avaliação do projeto "Segurança Pública". Neste projeto, trabalhamos com discussões em grupo e teatro educativo conjuntamente com uma gangue de rua e um grupo de alunos de uma escola secundária. A avaliação deste processo, que aqui apresento, refere-se particularmente a gangue de rua (LEITHÄUSER, 1999/2000). No entanto, não se trata aqui de uma estrita e sistemática interpretação de textos de protocolos de discussões de grupo. Pelo contrário, eu resumi trechos de interpretação, caracterizando,

teorizando e explicando o âmbito de pesquisa, no qual foram realizadas as discussões em grupo. A inclusão de uma interpretação de texto integral teria extrapolado o âmbito deste ensaio.

IV. Violência e Solidariedade

Entre grupos e gangues, isoladas umas das outras, às vezes chega-se à violência e brutalidade. Deste modo relatam jovens de um bairro de Bremen, onde realizamos a pesquisa sobre segurança pública e brigas violentas:

C: “Nós saímos da pista de gelo. Quando vimos esses caras. Nós éramos cinco ou seis. Aí um de nós se dirigiu a eles e disse: Vamos bater nesses caras. Aí um dos caras se dirigiu a ele e o empurrou. Empurrou-o pra longe de si. Então chegou mais um de nós, foi em direção a eles e começou a bater.”

F: “Então uma pedra veio voando, um chutou o outro no pescoço, um jogou um tijolo em direção a C. Ele o queria matar com o tijolo ou paralelepípedo na mão - só aí é que chegou a polícia. Ele disse: Merda! E deixou a pedra cair no chão. Ele teria batido em C com ela, se a polícia não tivesse chegado. Acho que o rapaz teria morrido.

Tais brigas, as quais esses jovens relatam, certamente não acontecem todos os dias. Mas não são de nenhuma forma anormais nem excepcionais. Quando jovens saem da pista de patinação no gelo, com vontade de “uma briga”, e quando por coincidência encontram com os “caras apropriados” aí tudo acontece rapidamente. Eles vão de “encontro uns com os outros” e “começam a bater”. Estas não são simples

briguinhas de crianças, das quais se sai com um nariz sangrando e alguns arranhões. Ao contrário, sem longa hesitação, “jogam-se pedras”, “chutam o pescoço”, e talvez se “bate na cabeça com um tijolo” se a polícia não chega a tempo. Não se leva em consideração a vulnerabilidade física dos contraentes. Não há inibições em lhes causar dores fortes ou mesmo em quebrar seus membros.

Tais brutalidades episódicas dos estados emocionais têm na maioria dos casos suas raízes em situações sociais precárias, em famílias destruídas e em escolas sem recursos suficientes, como é o caso onde crescem muitos jovens. Esta situação social influencia a fase psíquica de desenvolvimento da adolescência, a formação da frágil identidade e da autodescoberta, fase esta, já em geral difícil suficiente para jovens descobrirem seus limites, aceita-los ou defini-los para si mesmos. Muitas vezes surgem em tais constelações social-psicológicas insegurança emocional e agressividade, as quais podem agravar-se no âmbito do interesse comum do grupo e que acabam escalando a ódio cego em brigas de fato violentas com grupos inimigos. Desta forma, os dois relatos citados acima de jovens sobre brigas violentas não são de forma alguma exageros. Nós³ desenvolvemos, treinamos e fizemos peças de teatro com um grupo que se comportava periodicamente como gangue e um grupo de teatro de uma escola de ensino médio de Bremen no âmbito de uma oficina de teatro durante três dias de acordo com o método do diretor de teatro brasileiro Augusto Boal, tematizando a violência na escola, nas ruas e praças e debatemos e refletimos o desenvolvimento do processo e desenvolvemos alternativas comportamentais para o comportamento

³Renate Haack-Wegner, Barbara Larisch (professora e pedagoga teatral), Thomas Leithäuser, Hermann Scharrenbroich (professores), Gerhard Widmer (redator de televisão).

violento. O processo todo foi acompanhado por uma equipe de televisão todo o tempo e foi resumido num filme para televisão.⁴

Na seguinte análise social-psicológica me refiro somente ao grupo da gangue de jovens e não ao dos estudantes da escola de ensino médio; ambos os grupos da oficina de teatro, após superarem os sentimentos iniciais de estranheza se aproximaram mais e mais. O trabalho conjunto de teatro os aproximou e surgiram amizades que duraram além da oficina. A análise do processo de comunicação e cooperação entre dois grupos inicialmente estranhos entre si extrapolaria o âmbito deste estudo (LEITHÄUSER, 2001). Doze participantes da oficina eram integrantes da gangue. Eram jovens turcos, poloneses e alemães, homens com idade entre 16 e 18 anos, bem vestidos e com cortes de cabelo da moda. Em nossas rodas de reflexão e discussão sobre as cenas de teatro desenvolvidas conjuntamente, nas quais todos participaram com abertura e empenho, eles descreveram francamente e com orgulho inconfundível, o que fazem e empreendem juntos em sua vida cotidiana. As narrações eram repetidamente sobre brigas, barulho e conflitos violentos com outros grupos rivais, para as quais podiam contar com até 30 membros da gangue, caso fosse necessário. Eles raramente relatavam sobre desentendimentos internos do grupo. Pelo contrário, enfatizavam o quão unidos eram e o quão bem eles se apoiavam mutuamente e se ajudavam, especialmente no caso de brigas com outros grupos. Repetidamente, como citado nos comentários exemplares acima, se bate e chuta com muita força e não se economiza com socos e chutes nem mesmo quando o adversário já está caído no chão e não se move mais. Eles expressam orgulho, por atacarem corajosamente os outros e por se defenderem de seus ataques, os

⁴O filme para a Televisão “Juventude e Violência - Observações de uma Oficina de Teatro” foi mostrado pela Televisão de Hessen no canal 3 e uma versão resumida foi difundida pela Radio Bremen no programa “Fora e Dentro”.

quais não são menos duros. Eles relatam sobre o seu respeito por aqueles adversários que são corajosos e sabem distribuir fortes socos. Uma das atividades deste grupo era “a retirada”, atividade esta, que eles por conta da influência de um ex-professor, pelo qual ainda têm muito respeito, não fazem mais. “A retirada” é tirar dinheiro, roupas, jaquetas caras e outros objetos caros e cobiçados à força. Destinatários da “retirada” na maioria das vezes são indivíduos sós e que serão verdadeiramente transformados em vítimas, se deixarem ser pegos novamente. Notável é que as vítimas que mostrarem medo, que se renderem ou se submeterem, não podem contar com clemência ou com um tratamento mais brando. Pelo contrário: fracos não têm motivos para rir. No caso deles é executado aquilo que não se quer admitir de forma alguma em si próprio: ter medo e se sentir fraco. A perseguição de fraqueza e medo acontece já quase que ritualmente. Mas qual a natureza desse medo?

E: “Eu não diria que sou contra violência. Violência faz parte da vida. Algumas pessoas não o diriam. Mas sem violência, não se pode mais sobreviver nas ruas. A gente tem que usar de violência de vez em quando, de outra forma, não se é verdadeiramente nada.”

Quando se quer ser alguém, você tem evidentemente que poder usar de violência. Violência como fuga do medo parece realmente não ser nada. Isto significa que os jovens têm medo que os outros, os amigos no grupo, ao qual pertencem, mas também estranhos, não consigam se aperceber deles, não lhes reconheçam, não lhes deem valor, nem lhes admirem ou amem; se eles não chamarem atenção para si mesmos, demonstrativamente através do uso da violência, mostrando aos seus

próprios conhecidos e também a outras pessoas, que caras eles são ou podem ser?

Comportamento e aparência violentos funcionam como bilhete de entrada, para poder-se estar por dentro e para participação: violência é uma reação a angustia existencial. Os jovens nos dizem que para eles é importante estarem unidos na gangue para que possam se apoiar e ajudar-se. Se não se for membro de uma gangue, a pessoa não é nada de seu ponto de vista. Na gangue, no grupo encontram calor humano, amizade, alguma confiabilidade e confiança, mas, ao mesmo tempo, eles questionam repetidamente sob a fantasia hesitante das provas sociais de identidade e do ultrapassar e testar limites. Não suportam a sua existência comum e a insipidez, a invisibilidade social, o nada, não são alternativas. Isto leva a atitude: somos alguém quando os outros não são nada, e isso conseguimos com violência. É realmente admirável, o fato da questão de nacionalidades não ter importância na gangue, que não exista xenofobia dentro do grupo, já que esta é a forma geral de hostilidade que permeia todas outras relações sociais. Na gangue existe uma solidariedade prática. Embora seus membros venham de famílias de diferentes países e tenham dificuldade com a língua alemã, suas nacionalidades não têm importância reconhecível na hierarquia que naturalmente existe neste grupo, tanto quanto existe em qualquer outro. Eles falam geralmente alemão uns com os outros. Um jovem alemão aprendeu turco. Líderes, concorrentes, rivais, adversários, oportunistas e marginais, papéis que marcam com maior ou menor intensidade a estrutura interna de qualquer grupo, estão distribuídos através das nações.

Na difícil tarefa de manter a coesão do grupo, de moderar as forças internas e equilibrá-las, a origem social de cada um parece não ter importância alguma. Certamente se fazem gozações, se fala do turco estúpido e do idiota alemão, mas é de uma forma divertida e amigável e

não de forma pejorativa e depreciativa. A gangue é uma plateia de comportamento por si mesma, onde se pula, dança, empurra, e também se chuta, mas onde se está constantemente em estado de alerta, para que os limites internos, os limites da comunidade não sejam desrespeitados. Sentar juntos, ver se está tudo bem, se o outro, os outros estão presentes, o constante questionamento se está tudo bem, e no caso de uma situação interpretada como de emergência, apoiar uns aos outros. Em tais padrões de comportamentos internos de grupo da gangue, está contido o recurso social-psicológico da solidariedade, que dos pontos de vista psicológicos e pedagógicos teriam de ser generalizados para limites além do grupo numa atitude mais humana. É importante a superação do esquema de amigo-inimigo, uma tarefa pedagógica difícil, já que o esquema de amigo-inimigo é condição constitutiva da solidariedade de grupo. Aqui está contida uma grande chance de um “trabalho de aceitação com jovens”. O trabalho conjunto de teatro com o grupo dos estudantes de ensino médio, a mistura gradual dos dois grupos que foi acontecendo, o apoio dado pelos pedagogos e psicólogos para uma generalização da atitude solidária, até mesmo pelo fato do tema violência entre grupos ter sido bem trabalhado nas fases de reflexão e jogo da oficina de teatro, contribuiu para a diluição da delimitação de grupo e em parte para a aquisição das perspectivas uns dos outros respectivamente. Do ponto de vista da oficina, isto foi um processo reflexivo de integração dos dois grupos. Desta forma, podemos considerar que a oficina teve sucesso pedagógico. No entanto, permanece o poder da rotina cotidiana, para a qual os jovens retornam depois da oficina e, portanto, uma forte tendência para retornar aos padrões culturais de grupo, aliados à tendência de querer se livrar de conflitos e problemas através da externalização da agressão e através da projeção de medos em possíveis grupos inimigos e em “fracos”.

Dentre eles o medo existencial e no seu rastro o sentimento de impotência. O cotidiano é marcado por um mecanismo de defesa social-psicológico. Frequentemente o esforço para manter a solidariedade interna não é suficiente. O sentimento de impotência, medo e agressão, que ameaça determinar os sentimentos entre os membros e desta forma colocam em perigo a coesão do grupo, têm de ser eliminados; não podem existir internamente ao grupo, têm de ser postos para fora do grupo e são observados com olhar vigilante. Lá fora, onde eles se movimentam e se mostram é também onde atacam. Impotência e medo, sentimentos estes que não podem sentir em si mesmos, são projetados e perseguidos nos outros, nos estranhos. Sim, são produzidos nos outros através de ameaças e violência, para que os sentimentos como impotência, medo e fraqueza, sentimentos estes que ameaçam a si mesmos e que provêm da própria estória, estória esta onde não tinham muito do que rir, sejam exibidos, combatidos, reprimidos e possam ser erradicados.

Eles os desfazem em si mesmos ao mesmo tempo em que os destroem em outros. Aqui temos uma fonte de ódio dirigido para fora e de fúria indomável. Para manterem a própria identidade e a solidariedade interna, os outros não podem ser vistos como no mesmo nível, não podem ser considerados equivalentes. Aqui estamos lidando com uma espécie de curto-circuito psicológico. Em vez de estender reflexivamente os limites do grupo para um nós reflexivo e abrangente, diferenciando-se, e aos quais todos os seres humanos deverão pertencer, ao invés da aceitação do outro, do estranho, na construção do grupo, ocorre tendencialmente sua exclusão. A ameaça interna é transformada em externa. Caso ainda não haja inimigos, terá de se criar um. Procura-se uma vítima, uma vítima será autenticamente produzida, para executar-se nela, aquilo que não se aceita em si mesmo:

Fraqueza, impotência e medo, que podem prejudicar a coesão interna.

Espancar e roubar os fracos, covardes e impotentes se torna uma espécie de ritual, que pode liberar a si mesmos da própria fraqueza, devendo propiciar sua expiação.

L: “É sempre assim: Os mais fortes roubam os mais fracos. Eles procuram então os mais fracos, para não haver problemas.”

Desta forma o “roubar” funciona psicologicamente como aliviante e é ao mesmo tempo pratico: não é preciso se esforçar muito. Um oponente fraco não oferece realmente perigo. Se investigarmos comportamentos de grupo e de gangues de jovens, sob a perspectiva sociopolítica - em minha opinião isto é tão obvio que praticamente não é possível não se notar - então se constata que os “palcos de comportamento” gangues de jovens são uma espécie de espelho comportamental da sociedade como um todo, balançando para lá e para cá na ambivalência de crueldade e solidariedade. Jovens, que se encontram em gangues, na maioria das vezes têm pouca possibilidade de recuar para um lugar próprio em nichos sociais, os quais lhes possam oferecer atenção amigável, consideração mútua, reconhecimento mútuo, tolerância, uma forma modesta qualquer de alegria em um estilo de vida que se tornou natural. Uma vaga para formação profissional ou para trabalho seria o começo para tão modesta alegria. Intolerância é uma experiência cotidiana comum para eles e “Tolerância-Zero”, que é requerida por alguns políticos, é algo que, com certeza, os jovens têm de temer, mas é algo que lhes impressionará pouco. Isto só é continuação de um jogo cruel com meios mais rigorosos, mas já bem conhecido entre eles.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Einleitung in die Soziologie*. Frankfurt, M.1995. p.191f. [*Introdução à Sociologia*]

_____. *Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben*. Frankfurt, M.1951. p.105. [*Minima Moralia. Reflexões de uma vida danificada*]

_____. *Zum Verhältnis von Soziologie und Psychologie* Band 8. Frankfurt, M. 1972. p. 42-92. [*Quanto à relação entre Sociologia e Psicologia*]

DEVEREUX, Georges. *Etnopsichoanalyse. Die komplementaristische Methoden in den Wissenschaften von Menschen* Frankfurt, M 1978. [*Etnopsicanálise. O método complementar nas ciências do ser humano*]

DORNES, Martin:. *Der kompetente Säugling. Die präverbale Entwicklung des Menschen*. Frankfurt, M 1995. [*O bebê competente. O desenvolvimento pré-verbal do ser humano*]

FREUD, Sigmund. *Konstruktionen in der Analyse* (1937d). In: Studienausgabe.Ergänzungband 8 . Frankfurt, M 1975. p.393-406 [*Construções na Análise* (1937d)]

JAHODA, Marie. *Freud und das Dilemma der Psychologie*. Frankfurt, M 1985. [*Freud e o dilema da Psicologia*].

KÖNIG, Hans-Dieter et al. *Kulturanalysen*. Frankfurt, M 1986. [*Análises de Cultura*]

LEITHÄUSER, Thomas et al. *Gewalt um Sicherheit in öffentlichen Raum*. Giessen, 2001. [*Violência e Segurança em áreas públicas*]

LEITHÄUSER, Thomas; EXNER, Michael; HAACK-WEGNER, Renate; SCHORN, Ariane; VRING, Erika von der. “Sicherheit in öffentlichen Raum. Alltägliche Gewalterfahrungen im Stadtteile” in *Mitteilungsblätter der Akademie für Arbeit und Politik an der Universität Bremen* Nr. 24/25, 1999. [“Segurança em áreas públicas. Experiências cotidianas com a violência de bairro”]

LEITHÄUSER, Thomas; VOLMERG, Birgit et al. *Entwurf zum einen Empirie des Alltagsbewusstseins*. Frankfurt, M 1977. [*Esboço para uma empiria da consciência cotidiana*]

LEITHÄUSER, Thomas; VOLMERG, Birgit. *Anleitung zur empirische Hermeneutik .Psychoanalytische Textinterpretation als sozialwissenschaftliches Verfahren*. Frankfurt, M 1979. [*Instrução para a Hermenêutica empírica. Interpretação psicanalítica de textos como método de Ciências Sociais*]

LEITHÄUSER, Thomas; VOLMERG, Birgit. *Psychoanalyse in der Sozialforschung*. Opladen, 1988. [*Psicanálise na pesquisa social*]

LEITHÄUSER, Thomas. “Gewalt im Stadtteil- ein Sozialpsychologischer Essay “in Werner Fricke (Hg.) *Jahrbuch Arbeit und Technik* Düsseldorf, 1999/2000. [“Violência no Bairro: um ensaio psicossociológico”]

LORENZER, Alfred. “Die Kontroverse Bloch-Freud. Eine Versäumte Auseinandersetzung zwischen Psychoanalyse und Historischen Materialismus” in: LOHMANN, Hans-Martin (Hg.). *Die Psychoanalyse auf der Couch* Frankfurt, M 1984. [“A controvérsia Bloch-Freud. Um confronto evitado entre Psicanálise e o materialismo histórico” in Hans-Martin Lohmann (org) *A Psicanálise no divã*]

NEGT, Oskar. “ Geboren aus der Not des philosophischen Begreifens. Zum Empirie Begriff Adornos”. In: Philosophie und Empirie, Hannoversche Schriften 4, Frankfurt am Main, Verlag Neue Kritik, 2001, p.29. [“Nascido da necessidade de compreensão filosófica. Sobre o conceito de empirismo de Adorno”]

PARIN, Paul. *Der Widerspruch im Subjekt. Etnopsychanalytische Studien.* Frankfurt, M.1978. [*A contradição no sujeito. Estudos de Etnopsicanálise*]

POLLOCK, Friedrich. *Gruppenexperiment*, Frankfurt, M 1956. p. 275f. [*O experimento de grupo*]

VOLMERG, Birgit et al. *Rechtstremismus, kein Thema für Angestellte?* Hamburg, 1997. [*Extrema direita não é um tema para funcionários?*]

Recebido em 08/2014

Aprovado em 09/2014

